

**A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS**

**THE CONTRIBUTION OF FUN IN THE PROCESS OF TEACHING AND
LEARNING THE ENGLISH LANGUAGE FOR CHILDREN**

Mayara Rossi¹
Thatty Taiane da Silva Moura²
Elenice Ribeiro de Sousa³
Elizimari de Queiroz Sobrinho⁴
Janaína Patricia de Souza e Silva⁵
Julio Cezar Zaniolo de Almeida⁶
Luzia Freitas Cordeiro⁷
Rosana Magalhães da Silva⁸
Sandra Regina Medeiros Oliveira⁹

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, de natureza básica, que traz uma reflexão teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa para crianças, com enfoque na importância do lúdico como abordagem facilitadora desse processo. A análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016). O objetivo deste trabalho é analisar a importância das atividades lúdicas e suas contribuições no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança no ensino de língua inglesa, além de refletir sobre a infância, as brincadeiras e o lúdico na formação dos estudantes. Como resultado, apontamos que o brincar é uma importante forma de comunicação e aprendizagem, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano e assim facilita o aprender do inglês no seu dia a dia. A inserção do lúdico como metodologia no ensino da língua inglesa desperta nos alunos o interesse em aprender e facilita o processo de ensino. A ludicidade permite que as crianças tenham um olhar diferenciado para as aulas de inglês, através de dinâmicas como: músicas, vídeos, jogos, brincadeiras, recortes de revistas, entre outros.

¹ Doutoranda em Educação para Ciências e Matemática, Doutorado em Educação para Ciências e Matemática, IFG, Instituto Federal de Goiás, Jataí, Goiás, professoramayalarossi@hotmail.com.

² Especialista em Língua Inglesa, Especialização em Língua Inglesa, FAVENI, Faculdade Venda Nova do Imigrante, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, thattytsm@gmail.com.

³ Graduada em Letras, Graduação em Letras, UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, eleniceribeirodesousa@gmail.com.

⁴ Mestra em Ensino, Mestrado em Ensino, IFMT, Instituto Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, elizimariqueiroz@gmail.com.

⁵ Mestranda em Estudos Literários, Mestrado em Estudos Literários, UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, Mato Grosso, janainapatriciadesouza@gmail.com.

⁶ Mestrando em Educação, Mestrado em Educação, AEBRA, Agência Educacional Brasileira, Serra, Espírito Santo, juliozaniolo@hotmail.com.

⁷ Especialista em Tópicos em Genética Moderna, Especialização em Tópicos em Genética Moderna, UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, luziacordeiro1974@gmail.com.

⁸ Especialista em Ensino Multidisciplinar, Especialização em Ensino Multidisciplinar, UNIC, Universidade de Cuiabá, Cuiabá, Mato Grosso, rosanamagalhaes2812@gmail.com.

⁹ Mestranda em Estudos Literários, Mestrado em Estudos Literários, UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, Mato Grosso, sandra.medeiros@edu.mt.gov.br.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem; Crianças; Jogos e Brincadeiras; Língua inglesa; Ludicidade.

ABSTRACT

This article is the result of a bibliographical research with a qualitative approach, of a basic nature, which brings a theoretical reflection on the process of teaching and learning the English language for children, focusing on the importance of play as a facilitating approach to this process.. Data analysis was carried out through the content analysis of Laurence Bardin (2016). The objective of this work is to analyze the importance of ludic activities and their contributions in the child's development and learning process in English language teaching, in addition to reflecting on childhood, games and ludic activities in the training of students. As a result, we point out that playing is an important form of communication and learning, it is through this act that the child can reproduce his daily life and thus facilitates the learning of English in his daily life. The insertion of ludic activities as a methodology in teaching the English language awakens students' interest in learning and facilitates the teaching process. Playfulness allows children to have a different look at English classes, through dynamics such as: music, videos, games, games, magazine clippings, among others.

Keywords: Teaching and learning; Children; Games and Toys; English language; Playfulness.

1 INTRODUÇÃO

O lúdico contribui positivamente no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa para crianças? Buscando resposta para esta pergunta nos baseamos em estudos teóricos de Vygotsky (1989) e Piaget (1970, 1971, 1974, 1976a, 1976b) sobre ludicidade, aquisição e desenvolvimento da linguagem humana, e ainda nos estudos de Schutz (2014, 2019) sobre motivação, desmotivação e estratégias de aprendizagem no ensino da língua inglesa.

Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar a importância das atividades lúdicas e suas contribuições no processo de desenvolvimento e aprendizagem da língua inglesa, além de refletir sobre a infância, as brincadeiras e o lúdico na formação dos estudantes.

De acordo com estudos de Piaget (1970, 1971, 1974, 1976a, 1976b) e Vygotsky (1989) é comprovado que a melhor idade para aprender um segundo idioma é entre os 6 a 11 anos, exatamente o momento em que a criança está nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização, desenvolvendo a linguagem e consequentemente está aberta a um novo aprendizado de sons da fala e a novas línguas.

Existe uma carência e despreparo de muitos professores no que se refere ao ensino da língua inglesa, pois na graduação não se aprende a ministrar aulas, e nem mesmo qual

metodologia usar, afinal a última é o próprio professor quem as cria diante de sua realidade e público de estudantes. Nesse sentido, o despreparo mencionado anteriormente pode acabar por prejudicar o aprendizado das crianças e comprometer o seu desenvolvimento, ocorrendo assim, a desmotivação do aluno para aprender um novo idioma.

Sabe-se que o inglês é uma língua internacional e de alcance global, por conseguinte, torna-se de extrema relevância dominar esse idioma, pois ele pode ser hoje um fator de inclusão ou até mesmo de exclusão de um indivíduo no que se refere a carreira profissional num futuro não muito distante. O seu domínio possibilita ao estudante se relacionar com o mundo todo, ampliar a sua cultura, conseguir melhores oportunidades de emprego, ganhar bolsas de estudos no exterior, etc.

Para um sucesso de aprendizagem da língua inglesa o professor precisa apresentar uma forma divertida de ensinar, sendo a ponte entre o aluno e o novo idioma, utilizando o que as crianças já conhecem, partindo de sua realidade e de suas experiências, ou seja, um ensino relacionado ao cotidiano do estudante para que assim haja significado para ele.

Sobre as metodologias de ensino, os professores devem criar seus próprios métodos, adaptar aos alunos e a realidade na qual se encontra. Tudo é válido, o importante é a criança aprender. Mas destaca-se que o uso do lúdico é imprescindível para o processo de ensino e aprendizagem quando o assunto é criança (BROUGERÉ, 1995).

A palavra “lúdico” vem do latim e tem um significado amplo, ligado diretamente a diversão e brincadeira e devem estar presentes na vida das crianças desde os primeiros meses de vida.

Veremos adiante que o lúdico é muito importante, estudos comprovam que as crianças obtêm um melhor aprendizado quando brincam e se divertem enquanto estudam. Quando se fala de uma língua estrangeira não é diferente, a ludicidade continua tendo um papel essencial para um aprendizado de qualidade e efetivo (BROUGERÉ, 1995).

Vygotsky (1989) diz que para uma criança se desenvolver, a brincadeira e o contato com o mundo são essenciais. O autor supracitado afirma que a criança tem uma evolução significativa com o lúdico em sala de aula.

Analogamente, para Schutz (2014, 2019) o lúdico em sala de aula traz muitos benefícios para os estudantes, tornando as aulas motivadoras e muito mais didáticas e dinâmicas que as aulas meramente tradicionais.

Por fim, diante do que foi descrito até aqui, torna-se importante e necessário refletir a respeito do lúdico no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui uma abordagem qualitativa, por ser de caráter analítico subjetivo. Creswel (2007, p. 186) chama atenção para o fato de que, na perspectiva qualitativa “o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos”.

Os defensores desse tipo de pesquisa “argumentam que a realidade é socialmente construída e que, por esse motivo, não pode ser apreendida e expressa por meio de estudos quantitativos, cujos pressupostos são mais objetivos e gerais” (AUGUSTO *et al.* 2013, p. 748).

Quanto à natureza, a pesquisa pode ser classificada como básica, dado que não visa a aplicação de uma prática, mas a compreensão de uma temática, por isso também denominada de procedimento bibliográfico.

A investigação quanto ao seu procedimento se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2018, p. 03) esse tipo de pesquisa “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

O levantamento das obras para leitura, fichamentos e estudo perdurou os meses de novembro a dezembro do ano de 2020 e a elaboração deste trabalho se deu nos meses de janeiro, fevereiro e março do ano de 2021. As obras utilizadas como fundamentação teórica para esta investigação constituem-se em livros da literatura e artigos científicos já publicados que tratam da temática lúdico no ensino de língua inglesa. Os artigos foram buscados na plataforma “Periódico Capes”, com uso do seguinte descritor “Lúdico *and* Língua Inglesa *and* Crianças”, mas encontrou-se pouquíssimos resultados e por isso a maior parte de nossas referências são de obras da literatura.

A análise dos resultados se deu por meio da análise de conteúdo. Para Bardin (2016) esse método busca entender o significado por trás do que foi falado ou escrito. Em outras palavras é uma metodologia para as ciências sociais para estudos de conteúdo em Comunicação e textos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção estão apresentados os resultados e discussões com alguns autores relevantes que estudam as temáticas em questão.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA

A língua inglesa já está incluída na grade curricular dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mesmo não sendo parte das disciplinas dos anos Iniciais do Ensino Fundamental, se conjecturando como uma matéria moderna. O inglês é a língua estrangeira mais falada pelo mundo, portanto, de grande importância (BROUGERÉ, 1995).

Nos dias atuais dominar uma língua estrangeira significa crescimento pessoal e profissional, desenvolvimento intelectual, maiores oportunidades, tanto de estudo quanto de emprego, possibilita acompanhar as transformações frente à tecnologia, globalização e capitalismo, que vem avançando de forma acelerada nos últimos tempos.

A língua inglesa está presente em todos os lugares, desde livros, desenhos animados, filmes, programas de televisão, escolas, nomes de empresas e comércios em geral, programas de televisão, nas músicas, nos vídeos do @YouTube, no vestuário das lojas, nos produtos para consumo, nos brinquedos, nos jogos, etc. Dessa maneira, o inglês é sem dúvidas um idioma universal.

Noutra perspectiva, o Ensino Fundamental e a Educação Infantil é a base do desenvolvimento e formação das crianças, na pré-escola e nas séries iniciais os conhecimentos apreendidos são levados pelo resto da vida de um indivíduo. Nessas etapas e em todas as outras os estudantes devem ser os protagonistas do processo de ensino e aprendizagem e o professor se posicionar no papel de mediador (FREIRE, 2019).

Esse mesmo professor deve instigar e motivar os estudantes a aprender por meio de metodologias novas e inovadoras, dando espaço e oportunidades para que eles se desenvolvam e adquiram novos conhecimentos (FREIRE, 2019).

Ressalta-se que para aprender é preciso motivação. Estudantes desmotivados se desinteressam, ficam desanimados e muitas das vezes acabam criando apatia pelos estudos (SCHUTZS, 2014, 2019).

Adquirir a habilidade de um segundo idioma, no caso a língua inglesa, também exige motivação, além de esforço, dedicação e tempo, organização, planejamento e força de vontade. O professor que ensina inglês, além de poder utilizar diferentes metodologias deve sempre utilizar e mesclar diferentes atividades para chamar a atenção dos estudantes, como momentos para conversação constantes, leituras individuais e em grupo, músicas, teatro, filmes, vídeos, jogos, brincadeiras, uso das tecnologias, etc. (BROUGERÉ, 1995; SCHUTZS, 2014, 2019).

3.2 REFLETINDO SOBRE ENSINO, ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DOCENTE

Segundo Freire (2019) ensinar não é transferir conhecimento, é dar oportunidades para sua produção ou construção. Nesse sentido, entendemos que ensinar não se traduz em repassar informações aos estudantes, é dar oportunidades para que os estudantes busquem esse conhecimento.

Ainda nas palavras de Paulo Freire (2019) educar é ajudar a pessoa a ter consciência de si própria e também da sociedade, um ato de humanização, é formar vidas. E isso requer responsabilidade, compromisso, oferecer ferramentas para que os educandos construam seus próprios caminhos. Educar é ajudar na preparação da vida.

Os cursos de licenciatura vêm recebendo críticas de muitos lados, especificamente em relação à ineficiência quanto à formação de professores. Existem muitas lacunas nesses cursos. Professores não aprendem na prática em como ser professor, assim como faz o médico em formação. Existe o período de estágio, mas este é insuficiente para compreender todas as questões que norteiam uma sala de aula.

Desse modo, as licenciaturas necessitam trazer a realidade para a formação docente, trazer o que se passa de fato no chão da escola, as necessidades dos alunos, como agir em cada situação, como montar um planejamento, um plano de ensino e projetos.

Nesse sentido, os educadores aprendem errando na prática, quando se deparam sozinhos em sala de aula. Vão descobrindo diante da pouca experiência quais metodologias dão certo e quais não, achar a melhor maneira em como desenvolver as atividades, como lidar com a diversidade da sala de aula, e, por conseguinte, vão aprimorando-se. Tudo isso com o objetivo de ensinar, de fazer o aluno aprender.

Nesse contexto, além de se pensar em métodos e atividades, é preciso refletir sobre a organização do ambiente como um todo, devendo este ser alegre, agradável e acolhedor. A disposição das cadeiras precisa estar de forma com que cada estudante tenha abertura para diálogo com os demais. Enfim, um ambiente propício para a aprendizagem, diálogo e discussões (FREIRE, 2019).

Os mobiliários desses ambientes devem ser adequados a faixa etária de cada criança, as salas de aula precisam ser amplas e climatizadas para que os educadores possam desenvolver suas atividades de forma tranquila.

Lembrando que toda sala de aula necessita ser adequada segundo as necessidades dos estudantes. Cabe nesse momento ao professor usar sua criatividade e imaginação para implantar o lúdico, propondo situações variadas, utilizando o espaço disponível de melhor maneira possível (FREIRE, 2019).

3.3 O PROFESSOR E O LÚDICO

De acordo com Maluf (2008) o professor tem papel muito importante no enriquecimento das brincadeiras. Quando a escola não disponibilizar um espaço que favoreça o brincar infantil é necessário que os professores criem momentos para isso em sala de aula, oportunizando a manipulação de objetos, confecção de brinquedos e momentos para brincadeiras, contação de histórias, etc.

Existem escolas que têm uma sala exclusiva para jogos e brincadeiras, na qual se denomina brinquedoteca. A brinquedoteca se constitui como um espaço alegre e colorido, onde as crianças são estimuladas a brincar e precisam também nesse ambiente ter liberdade para dar asas à imaginação, bem como atividades dirigidas. É essencial que tenha uma pessoa responsável pela organização do local e das crianças, uma pessoa que seja carinhosa e amorosa, afinal a afetividade é fundamental na hora do aprender. Segundo a neurociência aprendemos muito mais com quem gostamos e aquilo que é relevante para nós, e para a criança o brincar é de extrema relevância para seu desenvolvimento (ANTUNES, 2014).

A brincadeira é uma atividade humana e social, produzida a partir de seus elementos culturais. O lúdico é a essência da criança, na sua forma mais intuitiva e espontânea, transformando em jogos, brinquedos e brincadeiras o próprio mundo (VYGOTSKY, 1989).

Vygotsky (1989) acredita que o brincar fornece às crianças um importante suporte mental que permite pensar e agir de diferentes maneiras, sendo que a natureza do brincar é simbólica e permite o desenvolvimento da criatividade e imaginação. No brincar, o sujeito não é apenas ativo, mas interativo. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência.

Na situação de brincadeira a criança se projeta nas atividades adultas de sua cultura e ensaia futuros papéis e valores. Ela começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias para a sua participação social [...] as brincadeiras usadas em situação escolar podem criar condições para a criança avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser cuidadosamente planejada pelo professor (VYGOTSKY, 1989, p. 41).

Portanto, a brincadeira enriquece o currículo escolar contribuindo com o trabalho docente, visando o desenvolvimento cognitivo e integral da criança. Dessa maneira, é fundamental a sua inserção nas atividades escolares, independentemente se for escola pública ou privada. Trazer as brincadeiras, além dos jogos para o espaço escolar possibilita às crianças se socializarem, se interagirem, aprenderem elementos da cultura de um povo, o contexto histórico, os costumes e valores de diferentes comunidades (ANTUNES, 2014).

3.4 UM OLHAR PARA A INFÂNCIA: BREVE HISTÓRICO

Discutir e conhecer a história da infância é fundamental quando se pensa em um ensino de qualidade nos anos iniciais, pois a criança possui suas particularidades e precisam ser tratadas diferentes dos adultos, uma vez que também aprendem diferentes dos adultos.

Diante disso é fundamental fazer uma reflexão sobre como a criança era vista antigamente até os tempos atuais. Na concepção de Rossi *et al.* (2020) apoiada nas ideias de Ariès (1981):

O conceito de infância na Idade Média também conhecida como Idade das Trevas era praticamente inexistente. As crianças eram vistas como adultos em miniatura, sem características próprias e diferenciadas, sem suas particularidades e especificidades. Uma prova disso, é que durante este período, toda e qualquer obra retratava figuras de crianças no formato de adultos em tamanho pequeno apenas, adultos em miniatura (ROSSI *et al.*, 2020, p. 68).

Desse modo, vemos que para os autores supracitados as crianças eram consideradas como adultos em miniatura, sem estatuto social e autonomia. A criança também era vista como um membro da família que deveria ajudar nas tarefas tanto quanto os adultos, não havia preocupação se elas suportavam o trabalho ou não.

Nesse período as taxas de mortalidade após o nascimento eram altíssimas devido à falta de preparo com o parto e com os primeiros cuidados básicos. Porém, a partir do século XVII começa a mudar o conceito de infância, este passa a ser definido como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano, que deve receber todos os incentivos possíveis (ROSSI *et al.*, 2020).

No início deste processo de mudanças tem-se como marca o ato de mimar e paparicar as crianças, muito embora, era apenas um meio de entretenimento dos adultos, uma forma de diversão, eram alvos de risadas. Inicia-se somente no século XIX a preocupação com a higiene, saúde física e educação das crianças (ROSSI *et al.*, 2020).

A partir deste século, a criança começou a ser vista como um ser diferente dos adultos não era mais apenas um mero ser biológico. A família passou a se reorganizar em torno da criança, começou a se preocupar com ela. Com novas viabilizações da estrutura social, econômica e familiar, começa a pensar na criança como um sujeito despreparado para tal sociedade e também nasce à necessidade de prepará-la para viver e conviver neste novo estabelecimento (ROSSI *et al.*, 2020, p. 69).

Atualmente a criança ocupa lugar de destaque na contemporaneidade, a criança passou a ter direitos regidos em leis, leis que a ampara. Em síntese, na antiguidade não havia preocupação com esses seres que estão em formação, como hoje na sociedade contemporânea (ROSSI *et al.*, 2020).

Dentro do contexto político social, a infância ganhou mais destaque nas últimas décadas do século XX, na qual foram implantadas Leis que concebiam a criança como cidadã de direitos. A criança passou a ser objeto de políticas governamentais de caráter mais abrangente a partir da implantação da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional e Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, onde trouxeram uma nova concepção de infância: a criança como sujeita de direito (ROSSI *et al.*, 2020).

Vale destacar que a exploração sexual infantil é outro fator marcante na história das crianças, na época das navegações, na qual a pobreza as obrigavam a servir a coroa portuguesa, e durante a viagem, muitas delas morriam, além das inúmeras doenças, fome e abusos sexuais de que eram vítimas.

No Brasil, com a chegada dos jesuítas em 1549, a preocupação deles foi com a educação das crianças indígenas, o ensino era pautado na doutrina da fé e nos bons costumes. As crianças eram consideradas pelos jesuítas como “papel em branco” onde podiam depositar uma nova cristandade (ARIÈS, 1981).

O conceito de infância ganhou maior significado na modernidade, graças ao avanço educacional, onde a criança foi retirada do meio social para ter uma educação formalizada. Assim, é enfatizado por Ariès (1981):

O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova do país com a educação das crianças. [...] a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1981, p. 195).

Vale mencionar que importantes pensadores contribuíram para que a criança fosse vista nas suas necessidades e como sujeita de vontades próprias. Para Jean Jacques Rousseau, a criança possui diversas características específicas a cada fase da vida, cabendo a escola elaborar um ensino que possa atendê-las nas suas necessidades (ARIÈS, 1981).

Quando conhecemos a história da infância, Kramer (2005) nos remete a pensar que apesar de todos os avanços importantes em relação à criança é preciso lutar contra a barbárie. É necessário ter um olhar crítico da história e saber que ainda existe exploração sexual e o trabalho infantil que permeia em meio a sociedade trazendo a negação de direitos já adquiridos, o direito de ser criança.

Portanto, estudar a história da criança é fundamental para a reflexão de educadores e educadoras, é necessário compreender essa concepção de infância aqui colocada. Existem professores que ainda consideram as crianças como mentes vazias onde deposita-se o que quer, semelhante ao que faziam os jesuítas séculos atrás?

Nos dias atuais, o ensino tradicional não é mais apropriado. Nessa tendência, o conhecimento é percebido como estático, a criança fica sentada ouvindo o professor falar, sem poder se levantar, trocar ideias e depois reproduzir o que foi ensinado por meio de cópia de atividades, priorizando-se assim a memorização dos conteúdos (FREIRE, 2019).

Voltando às necessidades das crianças, o brincar é uma das atividades que fazem parte do cotidiano infantil, é nesse período que as brincadeiras predominam com maior intensidade. Além do prazer e satisfação que as mesmas propiciam, contribuem também no processo de aprendizagem e no desenvolvimento de vários aspectos da personalidade infantil, psicomotor, afetivo, emocional e cognitivo (VYGOTSKY, 1989; ANTUNES, 2014).

Entre os pesquisadores que discutem sobre a importância do brincar na vida da criança, temos Piaget (1976b), Vygotsky (1989) e Antunes (2014). Cada um abordando aspectos específicos e singulares a respeito. Piaget traz dados sobre o que impulsiona a criança na brincadeira.

A criança brinca porque é indispensável ao seu equilíbrio afetivo e intelectual que possa dispor de um setor de atividade cuja motivação não seja a adaptação ao real se não, pelo contrário, a assimilação do real ao eu, sem coações nem sanções (PIAGET, 1976b, p. 121).

Nessa perspectiva, a criança mesmo não entendendo as regras e as relações existentes da vida adulta, sente necessidade de adaptar-se, e através do convívio com o adulto assimila e adquire experiência, representando-as nas brincadeiras. Sendo assim, estarão atendendo as suas necessidades afetivas e cognitivas.

Para Vygotsky (1989) a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo que a criança evolua nos seus processos cognitivos, superando a sua própria condição do presente, agindo como se fosse maior.

A inserção das brincadeiras no contexto escolar já vem sendo discutida por vários estudiosos há tempos, que consideram as brincadeiras um dos primeiros recursos para a aprendizagem. Hoje o brincar é reconhecido como uma necessidade da criança, lembrando que as condições impostas a elas no passado não as permitiram que usufríssem esse momento da vida (VYGOTSKY, 1989; ANTUNES, 2014).

Quando a criança brinca estimula a sua imaginação, a criatividade, contribui na sua auto expressão, além de desenvolver outras áreas, como a motora, a afetiva, a social, a cognitiva e cultural. Por meio da brincadeira a criança representa, interpreta e dá sentido ao mundo em que está inserida (VYGOTSKY, 1989).

Sendo assim, conceber as brincadeiras no cotidiano da criança é estar contribuindo com a infância de um ser que está em formação (ANTUNES, 2014).

3.5 LÚDICO: SUA ORIGEM E RELEVÂNCIA EM SALA DE AULA

O termo lúdico provem do latim “ludus” e tem um sentido bem amplo, está diretamente ligado a passatempo, diversão, jogos e ilusão.

Uma das necessidades da vida de uma criança está envolvida com a ludicidade, através de atividades lúdicas a criança consegue expressar seus sentimentos e emoções e ao mesmo tempo aprender um segundo idioma, como a língua inglesa (BROUGERÉ, 1995).

As brincadeiras, assim como os jogos são constituídas por regras, que acabam por contribuir para o entendimento da criança de que existem regras e leis na sociedade e elas precisam ser seguidas e respeitadas (ANTUNES, 2014).

Durante as brincadeiras as crianças também podem desenvolver respeito mútuo, fazer laços de amizade, se socializar de forma afetiva, interagir com diferentes pessoas e com o meio onde estão inseridas, estruturando enfim sua inteligência, aprendendo sem perceber, se desenvolvendo e construindo o seu conhecimento de forma divertida, brincando (VYGOTSKY, 1989).

Portanto, trazer as brincadeiras para dentro da sala de aula promove momentos e experiências vivas de aprendizagem, auxiliando assim o estudante sem eu desenvolvimento integral.

Percebe-se que no ambiente escolar a ludicidade é priorizada por professores de pedagogia, ou seja, na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e pouco se vê nas etapas superiores. Nesse viés, a respeito da língua inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental, o que falta é o uso do lúdico para que os estudantes possam dominar melhor esse idioma.

Sendo assim, respondendo a pergunta inicialmente colocada, a ludicidade é uma metodologia que muito contribui para o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa e também é uma abordagem que pode ser aplicada em todas as áreas de conhecimento. Introduzir metodologias lúdicas tornará as aulas mais atrativas e motivadoras, fazendo com que os novos conteúdos sejam compreensíveis, assimilados e absorvidos pela criança (BROUGERÉ, 1995).

Frisa-se que as crianças facilmente se distraem com os acontecimentos a sua volta, por isso o professor que trabalha com estudantes da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e também os professores que trabalham com o ensino da língua inglesa devem usar o lúdico para conseguir prender a atenção dos estudantes, para que assim não se dispersem.

O uso do lúdico não só atrai a atenção dos estudantes como pode facilitar a compreensão de conteúdos e o aprendizado da língua inglesa, além de motivar as crianças a quererem aprender como já mencionado anteriormente (BROUGERÉ, 1995).

O lúdico precisa ser visto pelo professor como algo essencial em suas aulas, pois é uma necessidade da criança, principalmente quando se refere a educação infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental (BROUGERÉ, 1995).

Quando falamos de ludicidade, os brinquedos fazem parte deste grupo. Segundo Vygotsky (1989) o brinquedo é um motivo para ação da criança, através deste a criança começa a conhecer o mundo a sua volta, permite travar desafios, além de satisfazer a curiosidade infantil ao conhecimento das coisas. O brinquedo proporciona à criança a capacidade de pensar, fantasiar, tornando o ambiente mais enriquecedor no mundo imaginário infantil (ANTUNES, 2014).

O brincar na infância predomina-se com maior intensidade, além do prazer e da satisfação que as brincadeiras favorecem, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, além de auxiliar no desenvolvimento de vários aspectos da personalidade infantil, psicomotor, afetivo, emocional e cognitivo como já colocado anteriormente (VYGOTSKY, 1989).

3.6 MOTIVAÇÃO, DESMOTIVAÇÃO E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

De acordo com Schutz (2008, 1997) a motivação pode ser definida como o conjunto de fatores circunstanciais e dinâmicos que determina a conduta de um indivíduo. Passando essa fala para a temática da ludicidade, através dos jogos ou dos brinquedos, o professor poderá despertar a motivação dos alunos, deixando-os confortáveis em seu próprio mundo.

O aluno irá sentir vontade e entusiasmo para os estudos, se for motivado. A palavra motivação nos remete a ação, ou seja, precisamos de um motivo para agir. A motivação move as pessoas que lutam por um objetivo. Os estudantes, em especial as crianças precisam de motivação porque não têm essa percepção de precisarem um dia trabalhar, quebrar barreiras, ter estabilidade de vida, etc. (SCHUTZS, 2008, 1997).

Noutro aspecto, o aprendizado de línguas precisa ser ativo e contínuo. Aprender um novo idioma requer interação entre as pessoas que estão aprendendo, dificilmente alguém aprenderá um segundo idioma individualmente, no entanto, as práticas coletivas se mostram como importantes no aprendizado de um novo idioma.

O envolvimento de um estudante com outro possibilita praticar habilidades de fala, pois podem conversar entre si. A conversação é uma das atividades e práticas fundamentais no ensino da língua inglesa.

Sobre o enfoque inicial, se a motivação ocorre quando há um desejo, quando não tiver esse desejo acarretará a desmotivação, algo muito preocupante, pois a desmotivação gera falta de interesse, falta de vontade, de foco, podendo prejudicar o aprendizado.

O professor precisa estar atento ao aspecto da motivação em seus alunos, é preciso estar atento ao aluno que se sente desmotivado (SCHUTZS, 2008, 1997).

O que se vê na maioria das aulas de língua Inglesa, principalmente no que tange aos aprendizes pequenos (as crianças) as técnicas e métodos de ensino são ultrapassados, deixa-se de lado o lúdico que é essencial no aprendizado e na educação de uma criança. Professores despreparados e aparentemente sem domínio do idioma (SCHUTZS, 2008, 1997).

Uma aula de língua Inglesa deve acima de tudo ser prazerosa, onde o estudante queira voltar novamente, queira participar e aprender verdadeiramente, não só por obrigação, mas pela necessidade de aprender um novo idioma, pela motivação de adquirir conhecimento, de ajudar a sociedade com seus saberes futuramente e poder ter maiores possibilidades de uma boa profissão (BROUGERÉ, 1995).

O estudante precisa perceber a importância que a língua Inglesa exerce em nossa sociedade (SCHUTZS, 2008, 1997).

Conforme Piaget (1976b) para que a aprendizagem ocorra de maneira sadia, deve ocorrer três processos: adaptação, assimilação e acomodação. Ainda para Piaget (1976b) é necessário que a criança em sua fase de aprendizagem passe com sucesso por cada uma dessas etapas, para que o conhecimento e as habilidades e competências necessárias a sua faixa etária seja atingida em sua totalidade.

Piaget (1976a) afirma que quando a criança chega à escola, a mesma não pode ser considerada como um papel em branco, pelo contrário, traz consigo uma bagagem de conhecimentos e vivências. Desse modo, o autor propõe que o ensino parta do que o discente já conhece e então aos poucos vai acrescentando o que o aluno não conhece, mas de forma interligada, não algo totalmente distante de sua realidade, e assim o aprendizado será contínuo.

Nesse intento, o ensino de língua inglesa também precisa partir da realidade do aluno para que se obtenha sucesso. E na medida que for evoluindo, inserindo palavras novas ao seu vocabulário, no tempo do aluno (SCHUTZS, 2008, 1997).

Segundo Piaget (1976b) desde os primeiros anos de vida até mais ou menos dez ou onze anos, é a idade essencial para se inserir uma segunda língua, pois é uma idade crítica para a aquisição da linguagem.

Para Vygotsky (1989) existem três fatores que devem ser levados em consideração no momento da aquisição da linguagem do ser humano, fatores esses que fazem toda a diferença na interação entre professor e aluno, são eles: fatores sociais, comunicativos e culturais. Segundo ele a criança deixa de ser um simples expectador e aprendiz passivo que depende de uma gramática interna ou de adultos que o instruem para só então adquirir a linguagem, há na verdade um desenvolvimento simultâneo da linguagem e do pensamento prático.

Enfim, nenhum dos autores citados ou mesmos outros estudiosos sugerem que há um método pronto, ou uma técnica elaborada e acabada para uso no ensino da língua inglesa. Não existe receita mágica para ensinar e para aprender um novo idioma ou quais outros conhecimentos, o que existem são métodos diversificados que podem servir para determinado sujeito e para outro não. Afinal, existem múltiplas inteligências, diferentes modos de se aprender, há pessoas que aprendem melhor ouvindo ou assistindo a um vídeo, outros lendo ou resumindo, ainda outras cantando, jogando, ou escrevendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da presente pesquisa percebemos a importância das atividades lúdicas no processo do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Vimos que é fundamental uma boa formação para que o educador tenha consciência de como e pra que utilizar determinados métodos. Em relação aos métodos podemos concluir que as brincadeiras e os jogos são instrumentos muito eficazes na construção do conhecimento. A ludicidade contribui de forma significativa para a aquisição de um novo idioma.

As brincadeiras proporcionam momentos agradáveis, prazerosos e de aprendizagem, contribuindo significativamente no desenvolvimento da criança e na aquisição de um novo idioma, na formação do pensamento, na elaboração de hipóteses para a resolução de problemas, ou seja, permite a criança evoluir em seus processos cognitivos.

Através da realização deste trabalho entendemos que é necessário ao professor de língua inglesa para crianças ter em mente a importância do lúdico, das atividades diferenciadas e divertidas, envolvendo brinquedos, jogos, brincadeiras, dinâmicas, músicas, teatros, vídeos educativos, trava-línguas, cruzadinhas, caça-palavras, etc. O professor deve inserir a língua inglesa no dia a dia do aluno por meio de sua realidade, pois o que vemos na maioria das vezes nas aulas de língua inglesa são métodos e técnicas ultrapassadas que não envolvem o cotidiano do estudante. É preciso partir do que o aluno já sabe, e ter em mente que atividades lúdicas são essenciais ao se trabalhar com crianças.

No decorrer desse trabalho compreendemos além da importância do lúdico para o processo de ensino e aprendizagem. A criança merece atenção dos pais e dos educadores, precisa ser estimulada por meio do brincar e do lúdico, assim ela vai descobrindo sobre si mesmo e sobre o outro, como também sobre o mundo e vai passando por várias evoluções.

Ao final da pesquisa gostaríamos de destacar mais uma vez que o lúdico é extremamente fundamental no aprendizado da língua inglesa, e deve ocupar um espaço privilegiado dentro do ensino, dentro do ambiente escolar, uma vez que é um grande aliado para a aprendizagem como visto e comprovado no decorrer da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **O Jogo e a educação infantil**: Falar e dizer olhar e ver, escutar e ouvir. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural**, v. 51, n. 4, p. 745-764, 2013. Disponível: <https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbdHtWhqjxMyZQ/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 10 maio 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BROUGERÉ, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

CRESWEL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas, São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

KRAMER, Sonia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**: Direitos Humanos na Sala de Aula. Rio de Janeiro: Novamerica, 2005.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para Educação Infantil**: conceitos, orientações e práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PIAGET, Jean. **A Construção do real na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976a.

PIAGET, Jean. **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976b.

ROSSI *et al.* A importância da relação entre a família e a escola para o aprendizado da criança. **Revista Saberes Docentes**, v. 5, n. 9, p. 65-82, 2020. Disponível em: <https://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/view/332/291> . Acesso em: 08 jul. 2021.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superior**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SCHUTZS, Ricardo. **Motivação e desmotivação no aprendizado de Línguas**. 2014. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-motiv.html> . Acesso em: 07 jul. 2021.

SCHUTZS, Ricardo. **A idade e o aprendizado de Línguas**. 2019. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-apre2.html> . Acesso em: 06 jul. 2021.